

O CARÁTER ESTÉTICO DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS E O CARÁTER RELIGIOSO DOS SÍMBOLOS ESTÉTICOS

Olga de Sá

Como os termos do enunciado acima têm vários sentidos, é conveniente, de início, esclarecer: o que se tem por objetivo, nessa formulação, é encontrar um denominador comum entre arte e religião. As concepções idealistas da arte não tiveram dificuldade, no passado, de encontrar esse denominador: o absoluto.

Mas a civilização moderna, marcada pela cibernética e pela automação, rejeita como inadequados e obscuros termos tais como “inspirado”, “intuitivo”, “misterioso”, porque, querendo significar algo além da razão, nada dizem de claramente significativo.

Se Freud, em *O Poeta e a Fantasia*, se declarou incompetente para explicar o problema da criação artística e concebeu o poeta como uma espécie de feiticeiro, as análises psicanalíticas das obras de Shakespeare, Sófocles, Goethe, Dostoievski, Leonardo da Vinci, por ele realizadas, só distinguem o artista do neurótico, porque aquele é capaz de expressar suas fantasias e as diferencia da realidade. Mas, para Freud, a energia que gera a arte é a mesma que alimenta as fantasias neuróticas, apenas sublimada por uma capacidade inexplicável que tem o artista de atenuar, por uma expressão agradável, capaz de produzir prazer no leitor ou espectador, o caráter egoísta de suas próprias fantasias.

À religião, Freud concede muito menos; a sublimação religiosa não passa de alienação e fuga. Eternas crianças que somos, necessitados de segurança e apoio contra os embates da vida adulta, a religião nos oferece o necessário suporte psicológico: Deus é uma espécie de superpai. O homem religioso, cujo destino não ultrapassa mental e afetivamente o estágio de feto, encontra segurança e paz na alienação do absoluto.

Esse conceito que foi no passado, de modo positivo, uma espécie de denominador comum entre arte e religião, se apresenta hoje bombardeado, de todos os ângulos, pelo pensamento moderno.

Desejando evitar o intrincado e, por vezes, estéril caminho da disputa, à procura de uma vida que possibilite uma teorização global da arte e religião, temos de enfrentar o problema de suas formas de expressão.

É conhecida a paixão do homem moderno pelos fatos, e portanto, a sua marca empirista. A matemática invadiu o domínio da física e, ao se tornar instrumento e expressão do mundo físico, parece tê-lo distanciado da experiência e da observação empírica. Os números e as relações matemáticas estão longe dos métodos de experimentação e indução: são puras e frias abstrações. As qualidades sensoriais foram reduzidas a quantidades, e este é um princípio fecundo, gerador do processo científico e da técnica moderna. O físico não trabalha diretamente com dados sensoriais. O que os aparelhos lhe apresentam são setas luminosas, sinais, trilhas ou signos, que ele laboriosamente interpreta. E se os interpreta, atribui-lhes significado. Donde se chega com Suzanne Langer à conclusão surpreendente de que nossos dados sensoriais são primariamente símbolos.

A Tecnologia moderna é a prova concreta de que os conceitos abstratos da física estão corretos. O conhecimento científico gerou a técnica e o progresso e estes moldaram nossa cosmovisão, que se orgulha de ser realista e racional.

Porém a arte e a religião pouco lucraram com a grande aventura científica do homem. Parece que, em seu terreno, não foi muito fértil o conceito de causalidade. Emoções, sentimentos e fantasias pouco ou nada se esclareceram à luz dessas conquistas. Ao contrário, o homem parece cada vez mais perdido de si mesmo e suas expressões religiosas e artísticas trazem a marca de um medo terrível, que se multiplica em pés, mãos, cabeças, cores e sons enlouquecidos ou rituais macabros de histeria e desespero.

Onde encontrar, na mente humana, uma explicação racional para expressões tão universais e tão significativas como o fato artístico e o religioso? Admite-se, sem contestação, que são arte e religião manifestações caracteristicamente humanas, embora já estejam no mercado livros que se intitulam "biologia e arte" e procurem, na inteligência animal, os primeiros elementos do fenômeno artístico.

Os estudos sobre o desenvolvimento da mente humana levantaram uma hipótese, que parece fecunda, para a futura solução de certos

impasses: o ato essencial do pensamento humano é a simbolização, diz Suzanne Langer. É uma capacidade tipicamente humana e está acima da pura animalidade. Embora o uso de signos seja a primeira manifestação da mente, há profunda diferença entre o uso de símbolos e o uso de signos. O uso de signos é o início da inteligência. O animal por eles se guia, para dominar as condições do meio ambiente. Desenvolvem-se os órgãos dos sentidos, as vias nervosas, paralelamente com a linguagem dos signos. As necessidades biológicas fundamentais, como o instinto de conservação, o crescimento, a procriação encontram a sua satisfação adequada ao dominar o uso dos signos. Existe uma semântica animal, que é usada no mais simples laboratórios de psicologia experimental, para que o animal possa aprender por ensaios e erros. Se certos sinais não fossem aprendidos pelo animal como signos de outros, a adaptação ao meio-ambiente seria completamente frustrada, e a vida animal há muito teria desaparecido da face da terra. O signo indica alguma coisa ao animal. Quanto ao homem, emprega ele signos não só para indicar coisas, mas também para representá-las. Os homens conversam sobre coisas e acontecimentos e usam signos que nada apontam no ambiente, ao qual estão adaptados ou devem adaptar-se. Os objetos desses signos podem estar ausentes e o homem pensa neles ou a eles se refere. Esses signos são símbolos, e o homem desenvolveu decisivamente os símbolos verbais. Acumulou-os, elaborou-os e a fala apareceu não só como instrumento de domínio do ambiente e de controle social, mas também adquiriu uma função representativa.

Por que a voz humana, diferente das vozes animais, adquiriu essa função extremamente diferenciada e capaz de distanciar especificamente a civilização humana do mundo animal ?

Para a psicologia genética, a função representativa da linguagem foi mais um instrumento eficaz que o cérebro humano engendrou para suprir as necessidades básicas do organismo. É uma função essencialmente prática, visando ao domínio da vida. Acontece que essa função gerou coisas muito pouco práticas como a arte e as crenças religiosas. Stuart Chase em seu livro *The Tyranny of Words* faz considerações desconcertantes sobre a loucura crescente de que são capazes os homens, como animais criadores de símbolos. O gato de Chase nunca aprendeu ou aprenderá a falar e nisto consiste a sua mais felina felicidade. Não sofrerá alucinações, fantasias, delírios, nunca se perderá numa rede labiríntica de significados e será sempre um sujeito realista...

O mundo dos animais nunca será invadido por crenças e invenções artísticas, nem seu comportamento, desequilibrado por ritos e sacrifí-

cios, fenômenos que caracterizam a arte, a religião e outras excentricidades da mente humana.

Os rituais religiosos mais estranhos são evidentemente pouco realistas. Quase todas as práticas mágicas e rituais são inadequadas para preservar a vida e obter, para os homens, os bens que eles tão ardentemente buscam e evitar os males de que tão insistentemente fogem. Nenhum rato de laboratório jamais ensaiaria num labirinto os métodos de certos rituais mágicos para obter o tão desejado reforço. Reconheceria logo que são ineficazes. Entretanto, esses rituais se conservam por gerações inteiras e os povos preservam seus modos inadequados de encontrar objetos perdidos, defender a saúde ameaçada ou alcançar o amor não correspondido. Os homens, mesmo os mais trabalhados pelo ceticismo da civilização moderna, encaram com seriedade os ritos religiosos. E, assim, também se comportam perante a arte. As obras de arte não parecem produtos luxuosos de uma era decadente. Os povos procuram preservar os próprios museus e, mesmo em tempo de guerra, só os bárbaros não respeitam as obras de arte.

Entretanto, que utilidade tem a arte? O processo de simbolização não parece ter dado ao homem um instante útil aos fins da própria espécie. Admite-se que o sonho é um processo simbólico. Que função desempenha o sonho nas visadas finalistas da preservação da espécie? Mesmo a psicanálise que interpreta os sonhos como símbolos ou disfarces de desejos recalçados, obedecendo a caprichos de curiosas associações semânticas entre presente e passado, não pode constatar senão que esse é um meio bastante excêntrico, usado por uma central elétrica, como o cérebro, de resolver seus problemas caseiros.

A ciência reconhece as necessidades biológicas. A mente humana porém, não funciona só no interesse delas. O inventário das chamadas necessidades humanas não terá sido demasiadamente decalcado sobre as necessidades animais? Se o animal não usa símbolos, talvez supra com eles outra necessidade, que não se reduz ao nível puramente animal.

As fantasias, os valores, os entusiasmos reconhecidamente pouco realistas dos homens, sua consciência de que pode existir um além da vida terrena, não são provas suficientes de que a capacidade de simbolizar responde a uma necessidade primária do homem, que o animal não possui? Essa necessidade que historicamente se manifestou sempre e em toda parte, satisfazendo-se das maneiras mais originais e primitivas, ou racionais e refinadas, essa necessidade de simbolização é um processo fundamental e contínuo da mente humana.

Não obstante, apenas certos produtos do cérebro fazedor de símbolos podem ser usados, segundo as regras do raciocínio discursivo. A mente deposita materiais que não se organizam, segundo os modos da inteligência discursiva. Os símbolos são elaborações do material que os sentidos fornecem à mente humana. Quando a mente consegue combinar e manipular essas idéias como raciocínio discursivo, a ciência se impõe, assim como a técnica e toda espécie de vitória humana sobre o meio ambiente.

As idéias que não se organizam discursivamente podem aparecer simbolicamente nos sonhos, podem fixar-se em fantasias conscientes e artísticas ou erguer um edifício bem típico da mente humana que se chama religião.

O ritual e a arte atravessam a história humana. Eles não são práticos geralmente, mas expressivos, e completamente estranhos ao modo realístico de pensar, que caracteriza a era da automação.

Embora Freud considere a religião como alienação, não deixa de reconhecer em **Totem e Tabu** que os ritos executados compulsivamente pelos primitivos são comportamentos expressivos, porque nascem de uma necessidade interior.

A arte é fundamentalmente simbólica e não duplica aquilo que representa. A própria mimese (do grego "mimesis") aristotélica, por tanto tempo entendida como imitação da realidade, acabou por impor-se, aos modernos críticos de arte, como transformação

A arte e a religião pertencem ao domínio do conhecimento e embora não usem o simbolismo verbal, cuja propriedade fundamental é a discursividade, nem por isso devem ser abandonadas ao domínio do inexprimível, como desejos e insatisfações informes, sensações e intuições continuamente inefáveis e incomunicáveis. Contra o império do discursivo ergue-se hoje a reação icônica da arte concreta, que visa a exprimir numa linguagem nascida do mundo técnico e dos meios de comunicação de massa, superando o analítico-discursivo, os próprios anseios desse mundo, que sendo novo, deve criar a sua nova forma de exprimir-se, isto é, encontrar a sua simbolização.

O campo da semântica é reconhecidamente mais amplo que o da linguagem verbal. O pensamento humano não se limita de todos os lados pela gramática; o homem emite uma linguagem não verbal sobre temas que lhe parecem fundamentais como a vida e a morte, a guerra e a fome, o bem e o mal, o mundo dos deuses.

A linguagem verbal não é o único produto que se pode combinar e articular como expressão humana. Quando olhamos os objetos, nossos sentidos selecionam formas predominantes, para que as sensações não se dispersem e se possam organizar objetos. Os órgãos dos sentidos suprem a mente de formas sensoriais para que ela possa levantar significados. A psicologia da "gestalt" encontra a organização do material simbólico no mundo sensorial. Este mundo é diferente do mundo físico.

Já ficou assinalado que são as abstrações matemáticas que constroem o mundo da física e resta dizer que são as abstrações sensoriais que constroem, para nós, o mundo real. Reencontramos aqui também aquelas expressões consideradas perigosas no mundo da máquina: "intuição", "mistério", "beleza", "verdade artística" etc. Por que não entender que esse é um domínio da mente humana, que não se reduz à razão discursiva? Por que não compreender que essas palavras só nos atiram no caminho do irracionalismo, se não soubermos que a mente do homem é suficientemente ampla para abarcá-las?

As formas sensoriais (gestos, cores, sons, cheiros) são muito capazes de combinação e articulação como as palavras, mas certamente em outro nível, não no nível sintático. As leis que governam a articulação dos símbolos não verbais, não são as mesmas leis da sintaxe. Enfim, os símbolos não-verbais não são discursivos, não se apresentam sucessivamente, mas simultaneamente. Esses símbolos são, porém, os mais adequados para exprimir os anelos do artista e do homem religioso. O ritual e a arte criam para si uma espécie de semântica, que deverá ser fecunda para levar a compreender que as sensações e os sentimentos não-discursivos são também passíveis de conhecimento e comunicação, mesmo na era da máquina, que terminará por descobrir os seus próprios símbolos.

Onde existe um símbolo existe uma significação em aberto. Não existe uma fonte não-racional de conhecimento, mas sim uma forma não-discursiva de exprimir o mundo. As formas das sensações e dos sentimentos também se articulam, e assim criam um mundo mais expressivo que o mundo da linguagem discursiva. O próprio simbolismo discursivo, quando atinge esse nível, já é arte, é poesia.

Perguntar se a estas formas expressivas corresponde a existência de um mundo real, e se a esses sentimentos religiosos corresponde a existência de um Absoluto, é uma pergunta cuja resposta escapa às finalidades desta abordagem.

Toda a problemática do idealismo/realismo e do ateísmo/teísmo se instaura nessas questões. Indiscutivelmente, porém, a religião e a arte dialogam entre si, e esse diálogo nasce na mente do homem, que pode ser definido como "homo symbolicus".

BIBLIOGRAFIA

- BENSE, Max — **Pequena Estética** São Paulo — Ed. Perspectiva, 1 971.
- BERENSON, Bernard — **Estética e História**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1 972.
- CHASE, Stuart — **The Tyranny of the Words**. New York, Harcourt, Brace & World, s/data.
- DUCROT, Todorov — **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho. Lisboa. Publicações Dom Quixote. 1 973.
- DUFRENNE, Mikel — **Estética e Filosofia**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1 972.
- ECO, Umberto — **As Formas do Conteúdo**. São Paulo, Editora Perspectiva e USP, 1 974.
- FREUD, Sigismundo — **Obras Completas** — Traducción directa del alemán por Luis López-Ballesteros y de Torres, Madrid — Editorial Biblioteca Nueva, 1 948.
- HUYGUE, René — **A Arte e a Alma**. Paris — Liv. Bertrand, 1 960.
- LANGER, Suzane K. — **Filosofia em Nova Chave** — São Paulo — Ed. Perspectiva, 1 971.
- MORRIS, Desmond — **A Biologia da Arte: em Estudo Comparativo da Arte dos Grandes Simios com a Arte Humana**. Tradução de Hermano Neves — Lisboa, Publicações Europa — América, 1 971.